



Use o QRCode para
acessar o Caderno
Fé e Cidadania
na internet, com
mais artigos e links
citados.

Na pessoa do migrante, Cristo vem a nós

O encontro com o migrante, bem como com cada irmão e irmã que passa necessidade, “é também encontro com Cristo. Disse-o Ele próprio. É Ele – faminto, sedento, estrangeiro, nu, doente, preso – que bate à nossa porta, pedindo para ser acolhido e assistido” ([Homilia na Missa com os participantes no Encontro “Libertos do medo”, 15/fev/2019](#)). O Juízo Final narrado no capítulo 25 do evangelho segundo Mateus não deixa dúvi-

Trecho da mensagem do Papa Francisco para o 110º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado (2024)

das: “era peregrino e recolhestes-Me” (25, 35); e, ainda, “em verdade, vos digo: Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a

Mim mesmo o fizestes” (25, 40). Então, cada encontro ao longo do caminho constitui uma oportunidade para encontrar o Senhor, revelando-se uma ocasião rica de salvação, porque na irmã ou irmão necessitado da nossa ajuda está presente Jesus. Nesse sentido, os pobres salvam-nos, porque nos permitem encontrar o rosto do Senhor (cf. [Mensagem para o III Dia Mundial dos Pobres, 17/nov/2019](#))

Arte: Sergio Ricciuto Conte



O cinquentenário da Casa do Migrante

Peadre Alfredo José Gonçalves, CS*

Integrada no conjunto da Missão Paz, a Casa do Migrante é um espaço privilegiado de acolhimento a quem desembarca nesta gigantesca metrópole. Comporta, além da acolhida, outros serviços anexos e integrados, tais como encaminhamento para o trabalho, documentação, saúde, assistência social, jurídica e psicológica, o Centro de Estudos Migratórios, a Revista *Travessia*, uma biblioteca especializada na temática do fenômeno migratório, o Centro de Documentação, outras publicações vinculadas ao estudo da mobilidade humana!... A Igreja da Missão Paz, além da paróquia territorial, hospeda a paróquia pessoal dos imigrantes italianos e a paróquia pessoal dos imigrantes de língua espanhola, com atendimento diário e variadas atividades de natureza pastoral, sacramental e cultural. Como missão Scalabriniana, além dos serviços normais em língua portuguesa, a obra oferece missas em vários idiomas, como francês, inglês e, naturalmente, espanhol e italiano.

Desde sua fundação, primeiro como AVIM e depois como Casa do

A Casa do Migrante da Missão Paz completa 50 anos neste mês de novembro de 2024. Localizada nas dependências da Igreja Nossa Senhora da Paz, na Rua do Glicério, bairro da Liberdade, foi construída nos anos de 1940 pela Congregação dos Missionários de São Carlos (Scalabrinianos), juntamente com a comunidade italiana, a qual, fugindo da Segunda Guerra Mundial, buscava refúgio em outros países. Até hoje, a igreja continua sendo ponto de referência para os imigrantes italianos. A Casa do Migrante, por sua vez, criada em 1974 como AVIM (Associação de Voluntários pela Integração do Migrante), sempre buscou, como diz o profeta, “alargar o espaço de sua tenda” (Is 54,2). Ao longo deste meio século de existência, tornou-se espaço de acolhida e de “primeiros socorros”, como também lugar de encontro e convivência para muitos povos, nações e culturas, como veremos a seguir.

Migrante, a obra passou a receber os migrantes internos que chegavam em massa, especialmente dos estados do Nordeste e de Minas Gerais, e também, do interior de São Paulo e Paraná, para erguer esta gigantesca metrópole. Em seguida, abriu-se aos imigrantes dos países vizinhos, seja devido à situação de pobreza e carência nos lugares de origem, seja devido às ditaduras militares do Cone Sul ou à violência dos movimentos de guerrilha com seus *desplazados*. Nessa perspectiva, a obra abrigou números significativos de chilenos, argenti-

nos, uruguaios, paraguaios; depois, vieram também os bolivianos, peruanos, equatorianos, colombianos e assim por diante.

Com a economia globalizada e a mobilidade humana cada vez mais intensa, diversificada e complexa, a Casa do Migrante passou a acolher imigrantes de todos os continentes, chegando a abrigar por vezes mais de 20 nações simultaneamente representadas. A proposta da obra, longe de pretender resolver o problema de todos os migrantes que procuram a cidade de São Paulo, consiste na ten-

tativa de uma acolhida diferenciada e humanizada, um pequeno sinal que possa servir de luz e testemunho no vasto mundo das migrações, de acordo com o carisma da Congregação. Felizmente, esta cidade conta hoje com outros centros de acolhida, bem como de serviços variados aos migrantes.

Nos últimos anos, por causa do agravamento em todo mundo dos conflitos armados de todo o tipo, das catástrofes climáticas cada vez mais frequentes e extremas, da intolerância étnica, religiosa, política ou ideológica, e, sobretudo, do aumento progressivo da assimetria e desigualdade socioeconômica entre países e regiões de todo o planeta, verifica-se uma grande pluralidade de imigrantes. Primeiro aqueles dos países vizinhos, depois, os coreanos e haitianos; ultimamente, verifica-se a predominância de venezuelanos, afegãos, ucranianos, angolanos, congolezes, nigerianos, sudaneses e outros países africanos e asiáticos. As motivações se repetem: guerras, pobreza, violência de todo tipo e, impondo-se, pouco a pouco, a devastação do meio ambiente e o aquecimento global.

* Sacerdote da Pia Sociedade dos Missionários de São Carlos e Vice-presidente do SPM (Serviço Pastoral dos Migrantes) da CNBB

Migrantes em São Paulo: uma história que é de quase todos nós

Roberto Coelho
Barreiro Filho*

Hoje, vemos muitos descendentes de estrangeiros no Brasil. São diversas nacionalidades que se misturam no campo rural ou urbano e nos trazem uma dúvida: Como ocorreu essa migração?

No século XIX, principalmente a expansão da economia cafeeira e a retração do comércio de escravos motivaram vários produtores a importarem mão de obra de outras nações. Em pouco tempo, povos de diferentes nacionalidades viriam a redesenhar as relações sociais e de trabalho no País. Começava, assim, a grande migração estrangeira!

Entre os principais desafios aos estrangeiros estavam a falta de informação, as dificuldades com o idioma e de acesso à documentação.

São Paulo e a imigração. Bem: O estado de São Paulo foi, sem restar dúvida, a principal região de atração de imigrantes no Brasil (cerca de 57% do total dos estrangeiros que entraram no País), dentro de uma tripartição histórico-geográfica da imigração constituída por: a) uma região central fortemente atrativa, os estados do Sudeste, caracterizada pelo sistema agroexportador, mas também pela incipiente industrialização e pela franca expansão urbana; b) uma região de atração importante, mas secundária, os estados do Sul, com consistentes núcleos coloniais rurais formados por pequenos proprietários e urbanização recente e mais rarefeita; c) a macrorregião dos estados do Norte e Nordeste, na qual a inserção dos estrangeiros foi quase exclusivamente urbana, mas muito pouco significativa no seu complexo e em relação ao resto do País, embora importante para as dinâmicas econômicas, sociais e culturais das grandes cidades. Mas nosso foco neste artigo é São Paulo.

Os italianos foram prevaletentes em todo estado de São Paulo, também em Minas e nos três estados sulinos, mas eram superados pelos portugueses nas cidades do Rio de Janeiro, Santos (SP), Salvador (BA) e Recife (PE). Os italianos imigraram para o Brasil sobretudo no período 1889-1903, no auge da imigração subvencionada para os latifúndios paulistas, mineiros e fluminenses e para os núcleos e colônias do sul, enquanto nas décadas seguintes foram os portugueses que prevaleceram. No caso paulista, os italianos continuaram sendo o principal grupo migrante durante todo o período 1890-1930. Os japoneses só começa-

A história de nosso povo é uma história de imigrantes. Raros entre nós podem se considerar descendentes exclusivamente dos povos originários, os índios, ou mesmo das primeiras levas de portugueses que aqui chegaram. Somos quase todos descendentes de imigrantes. Solidarizar-se com aqueles que agora chegam é, de certa forma, honrar uma história que é de todos nós.



ram a chegar em 1908, enquanto os sírio-libaneses e os alemães, outros dois grupos minoritários, imigraram com fluxos constantes ao longo de todo o período. Todos os grupos utilizaram a imigração subvencionada, que foi absolutamente prevaletente no caso de italianos e espanhóis, mas para alguns, notadamente os portugueses e sírio-libaneses, o número de imigrantes espontâneos foi sempre muito alto e largamente majoritário na maior parte do período. Esses grupos formam nossa mistura étnica!

Braços para o cafezal. Os antecedentes da imigração no Brasil remontam ao período imperial, quando, na ótica da extinção do trabalho escravo, começou a ganhar espaço a ideia de que a implementação do trabalho livre no País deveria recorrer à importação de mão de obra estrangeira (durante o Império tinham chegado cerca de 900 mil imigrantes). Principalmente, duas ordens de motivos levaram a abrir o País para receber contingentes de imigrantes: uma política de europeização da população e a necessidade de disponibilidade maciça de mão de obra para uma expansão rápida de um dos principais setores da agroexportação: o café. Esta última considera-

ção pesou mais do que a primeira, de cunho cultural, uma vez que parecia mais viável um sistema de captação de trabalhadores estrangeiros do que a ativação de um processo de migrações internas para conseguir as melhores condições do mercado de trabalho: abundância da oferta de mão de obra e sua concentração localizada no tempo e no espaço, de modo que fosse possível, ao mesmo tempo, selecionar qualitativamente os trabalhadores, pressionando para baixo os salários e limitando a oferta geral em torno das condições de vida e de trabalho fixadas nos contratos.

Os fazendeiros paulistas, particularmente aqueles ligados ao complexo cafeeiro, reorientaram a política imigratória ao longo da década de 1880, elaborando um sistema de imigração subvencionada e controlada, que previa a concessão gratuita da passagem e da moradia e a concentração dos imigrantes em hospedarias, para que fossem direcionados principalmente aos latifúndios das principais regiões rurais do Sudeste. Hoje, podemos visitar a "Casa do Imigrante" ali no bairro do Brás.

O perfil do imigrante típico, daquela época, no Brasil, foi o do camponês europeu pobre, vindo junto com seu núcleo familiar para se estabelecer no País, na zona rural, a

longo prazo ou definitivamente. Os latifundiários não podiam, nem queriam, nem conseguiram, sobretudo a partir da diminuição do preço do café no fim do século XIX e das primeiras crises de superprodução, absorver toda a mão de obra imigrada ou retê-la. Ao mesmo tempo, ficou patente, para os imigrantes que vieram nas primeiras grandes levas ao longo da década de 1890, que o sonho do acesso à propriedade da terra, imaginado e astutamente propagandeado pelos agentes dos fazendeiros, permanecia um sonho, pelo menos no curto prazo.

Os imigrantes e a cidade.

Pensando que o principal foco de atração e fluxo imigratório no Brasil teve características explicitamente rurais, a imigração urbana não pode ser desconsiderada, pois tornou-se evidente, desde o início da imigração em massa, que o crescimento das cidades em todas as regiões do País interessadas no fenômeno imigratório estava ligado à vinda de população estrangeira. A imigração urbana foi basicamente de dois tipos: A indireta, como fluxo secundário de estrangeiros provenientes das áreas rurais nas quais se tinham fixado em um primeiro momento; e a direta, como fluxo primário de imigrantes que logo na entrada se fixavam nas áreas urbanas. A partir dos últimos anos do século XIX, a primeira começou a se realizar concomitantemente à segunda, aumentando progressiva e consideravelmente durante a primeira década do século XX. A imigração indireta foi sobretudo resultado do êxodo de imigrantes insatisfeitos com as condições de trabalho ou em excesso nas áreas rurais de latifúndios e, de forma menor, de estrangeiros dos núcleos coloniais rurais, por motivos semelhantes. A cidade proporcionava também oportunidades de ascensão social e maiores possibilidades para a educação e a saúde. Não poucas vezes, o retorno à pátria de origem, saindo das áreas rurais brasileiras, passava por um período de trabalho nos centros urbanos.

Um bilhão de pessoas, um oitavo da população mundial, são migrantes. Apesar destas barreiras, os imigrantes continuarão a desempenhar um papel essencial nas comunidades e na economia dos países para onde imigram. No Brasil não foi e não é diferente! Somos todos migrantes! Um país formado por estrangeiros, vindos por vários motivos, e que com fé e muita disposição construíram nossa nação!



* Doutor em história pela PUC-SP, responsável pelo canal do YouTube "Um lugar e suas histórias" (<https://www.youtube.com/@robarrei>).

Microcosmo de Processos Sociais Macro

Dirceu Cutti*

Em 2023, dois dos quatro nigerianos que cruzaram o Atlântico no exíguo e perigoso espaço do leme de um navio, após 14 dias de angustiante agonia, puderam usufruir do conforto que a Casa do Migrante lhes ofereceu. Muito antes deles, no final da década de 1970, uma família nordestina, quando abordada na rodoviária, apresentou como endereço de destino na metrópole paulista, em um papel amarrotado, “o bar azul da esquina”. Foi acolhida pelos agentes da instituição e trazida para o aconchego da Casa. São estes apenas dois fatos entre milhares de outros tantos ocorridos ao longo de uma trajetória de 50 anos marcada por quatro distintos momentos que delinearemos sucintamente a partir da ótica dos assistidos.

Mas tudo tem um antes.

A Casa do Migrante não caiu das nuvens. É fruto das angústias, dores e sonhos dos migrantes, amalgamados pelos desafios do chão da história. Aparentemente contraditórios, dois saltavam aos olhos e foi a esses que os Scalabrinianos fizeram frente. De um lado, a década de 1970, marcada pela onda do milagre econômico, produziu o maior êxodo rural da nossa história. O fluxo Nordeste-Sudeste dominava a cena e a metrópole paulista emergia como seu epicentro. As demandas por mão de obra minimamente qualificada eram gritantes e os recém-chegados não atendiam às expectativas. Do outro lado, sobressaíam-se os sobrantes, os indesejáveis. Dentre esses, muitos residiam na grande favela do Vergueiro, encravada em área nobre entre os bairros Ipiranga e Vila Mariana, na capital paulista. Em 1968, ocorreu o despejo e muitos decidiram retornar para o “Norte”. Rumaram pela ferrovia Central do Brasil, mas não foram sós. Os Scalabrinianos, que atuavam na favela, viajaram com eles em vagões de 2ª classe. No retorno, vagões apinhados de migrantes. Os que não tinham endereço certo ficavam à mercê do Estado que lhes fornecia bilhete para seguirem adiante pela ferrovia Sorocabana. Em 1969, os Scalabrinianos também percorreram esta ferrovia que corta o Sudoeste paulista e desemboca no norte do Paraná. Conheceram de perto a realidade dos migrantes e se solidarizaram com eles.

Migrantes recém-chegados. Para responder às urgentes demandas dos migrantes, sob a liderança do então

A história da humanidade é marcada por grandes processos sociais que determinam a vida de milhares de pessoas – vítimas anônimas da estultice de alguns e/ou da inclemência da natureza.

Deus, que tudo vê, acompanha a cada uma dessas vidas, esperando que cada um de nós também as acompanhe com solidariedade e espírito fraterno. Essa é a experiência cotidiana daqueles que acolhem migrantes e refugiados...



seminarista e depois Padre Alberto R. Zambiasi, em 4 de novembro de 1974 surgiu oficialmente a Associação de Voluntários pela Integração dos Migrantes (AVIM). Como primeiro desafio, em parceria com o Estado e entidades da sociedade civil, a AVIM passou a ofertar 15 modalidades de cursos profissionalizantes ministrados por voluntários em periferias e favelas da cidade, na Baixada Santista e nos espaços da Casa do Migrante. Apresentar-se ao mercado com certificado da AVIM era emprego certo.

Ao segundo desafio, a Associação atuou em clara oposição ao Estado. Em vez da distribuição de passes para seguir adiante, a oferta de um espaço de acolhida digna e de suporte para as demandas dos recém-chegados. Capacitação profissional e acolhida caminharam lado a lado até o começo dos anos 1980. Na Casa, era significativa a presença de famílias e na porta da mesma agenciadores disputavam mão de obra, por isso consta nos registros da instituição que não bastava encaminhar para o emprego, era necessário garantir que a Doutrina Social da Igreja fosse respeitada pelos empregadores.

Migrantes de velhas andanças.

Contrariamente ao ocorrido nos anos de 1970, a década seguinte ficou conhecida como “a década perdida”. O saldo migratório Nordeste-Região Metropolitana de São Paulo foi negativo. As ofertas de emprego foram

escasseando, restando os “bicos”, serviços precários. A Casa do Migrante passou a acolher então, majoritariamente, pessoas desacompanhadas, do sexo masculino, procedentes da região Sudeste, com destaque para o interior do estado de São Paulo e da própria capital. Vale registrar que era grande o número dos que apresentavam histórico de trabalho em suas carteiras profissionais, mas que ia mais e mais cedendo ao espaço vazio. Pesquisa realizada na Casa pelo Gt/Migrantes (Centro de Estudos Migratórios e Laboratório de Geografia Urbana da USP) constatou que os efeitos da “década perdida” se abateram com maior força sobre a camada mais frágil da sociedade durante a década de 1990. Se na anterior predominaram os “bicos”, nesta nem mesmo esses sobraram, e para os migrantes das muitas andanças, como alternativa à rua, restou circular pela rede da assistência social. Foi quando a Casa do Migrante foi deixando de ser um “trampolim para cima”. A etapa dos cursos profissionalizantes mostrou-se página virada e a instituição viu-se absorvida pelas demandas internas.

Momento de transição.

O perfil dos migrantes internos acolhidos na virada do século e nos anos seguintes pode ser resumido pela trajetória do Tião (nome fictício), colhida em uma longa entrevista. Tião apresentou sua carteira de trabalho e nela constava o

registro de mecânico em uma empresa de aviação na qual trabalhou por vários anos. Chama muito a atenção o que ocorreu na sequência. O tempo de permanência nos empregos subsequentes só foi encurtando, até esvair-se. À ruptura com o trabalho, somou-se a ruptura dos laços familiares e os do mínimo convívio social. Restou a ele a solidão, disfarçada em perambulações incertas e inconstantes. E foi o próprio Tião quem definiu de forma cabal a condição social sua e da maioria de seus pares: “Eu fui um cara que perdeu o elo”!

Paralelamente a este quadro, em um processo rápido, até mesmo abrupto, quando os estudiosos das migrações mantinham seus olhares sobre o êxodo dos brasileiros, a Casa do Migrante já se transformava em um termômetro do que viria a acontecer: o Brasil como um país também de imigração, agora não só de hispano-americanos.

Desde os primórdios dos serviços de acolhida até a virada do século, a Casa sempre contou com a presença de imigrantes.

Ao longo do período a média anual manteve-se em 5%, inicialmente advindos dos países do Cone Sul e, posteriormente, dos países Andinos. Porém, nos anos finais do século passado, à pergunta “Tudo bem?” na Casa ouvia-se como resposta “*Hakuna matata*” (tudo ok!); já era a presença dos congoleses e a eles rapidamente foram se somando os de outros países africanos.

Internacionalização dos rostos.

Para uma melhor compreensão de como se deu a rápida transição da presença dos nacionais para os internacionais, basta citar que em 2000 os imigrantes e/ou solicitantes de refúgio representavam 13%; em 2004, 50%; em 2008, 75% e, em 2020, 100%. A procedência passou a envolver cada vez mais um número maior de países, com uma nítida característica: a alternância constante ora de uma nacionalidade, ora de outra, como assinalado na página inicial deste encarte.

Cinco décadas em uma frase.

A Casa do Migrante, com suas vicissitudes e ambiguidades, foi sempre importante referência para migrantes internos e internacionais e a ela coube ser uma caixa de ressonância ou, noutros termos, um claro microcosmo de processos sociais macro.

* Leigo scalabriniano, trabalhou no CEM/ Missão Paz, integrou a direção da Casa do Migrante e foi editor da revista *Travessia*

Casa do Migrante: 50 anos de acolhimento e esperança

Padre Antenor
João Dalla Vecchia
e Márcia Araújo*

A Casa do Migrante, celebrando 50 anos de atuação, é um verdadeiro símbolo da resiliência e da luta dos migrantes. Desde sua fundação, em 1974, tornou-se um refúgio e um suporte essencial para aqueles que buscam recomeçar suas vidas em um Brasil repleto de desafios.

As populações pobres do Brasil, na década de 1970, passavam por grandes dificuldades, como comunicação precária, transporte limitado, problemas de saúde e uma alta taxa de analfabetismo. A escassez de recursos e as políticas opressivas, especialmente em certas regiões do País, geravam um ambiente de desespero e desilusão. Nesse cenário, a migração interna se transformou em uma alternativa viável. Muitas pessoas, mesmo sem um endereço certo, aventuraram-se em busca de um futuro melhor, impulsionadas pela fé e coragem.

Grandes grupos migratórios, em sua maioria do Nordeste, deslocaram-se de forma precária para o Sudeste, especialmente em direção aos grandes centros urbanos, como o eixo Rio/São Paulo. Essa dinâmica resultou na formação de cidades e bairros com infraestrutura insuficiente, nos quais as carências enfrentadas nas regiões de origem foram apenas reproduzidas sob novas formas. A precariedade das condições de vida foi simplesmente transferida de um lugar para outro, perpetuando ciclos de dificuldade.

AVIM: a inspiração do Padre Alberto. Foi nesse contexto desafiador que o padre Scalabriniano Alberto Zambiasi se mobilizou para ajudar. Ele, junto a leigos e seminaristas, dedicou suas férias para percorrer o Brasil, conhecendo de perto a realidade vivida pelos migrantes. Sua experiência revelou a urgência de um processo educativo que capacitasse essas pessoas a enfrentar os desafios da vida nas grandes cidades.

Assim nasceu a AVIM (Associação de Voluntários pela Integração do Migrante), com a missão de criar programas de formação para os recém-chegados. Os primeiros espaços utilizados eram garagens e salões de igrejas, nos quais eram oferecidos cursos de qualificação e integração. O sucesso dessas iniciativas indicou a necessidade de um espaço mais estruturado e acolhedor.

Abertura aos Migrantes e Refugiados de todo o mundo. Hoje, a Casa do Migrante atende pessoas de diversas nacionalidades, com imigrantes e refugiados de 118 países. Esse espaço tornou-se um trampolim para muitos que buscam reconstruir suas vidas, oferecendo as condições necessárias para a autonomia e um



Missão Paz

acolhimento respeitoso. As exigências atuais são maiores do que aquelas enfrentadas no passado, especialmente devido à diversidade cultural e linguística dos migrantes que chegam. Essa diversidade, embora desafiadora, enriquece a experiência de todos os envolvidos e proporciona uma oportunidade única de aprendizado mútuo.

A Casa permanece aberta, recebendo espontaneamente migrantes que, muitas vezes, chegam devastados por conflitos políticos, desemprego e catástrofes naturais, que colaboram para a desestruturação de vínculos familiares, deixando-os vulneráveis.

O atendimento na Casa do Migrante. A notícia da existência da Casa se espalhou ainda mais ao longo das décadas. Na atual conjuntura, por meio das redes sociais, diversos migrantes são orientados, mesmo antes da saída de sua origem, sobre o endereço certo para o acolhimento. Chegam à porta da Casa com a certeza de que o melhor lugar para estar é aqui. Muitos solicitam acolhimento todos os dias. Ao chegarem, os migrantes são recebidos com dignidade. O processo de acolhimento envolve um primeiro contato que considera suas condições de vulnerabilidade. Após

a chegada, eles são assistidos de forma integral, a começar por um atendimento social que inclui a criação de um prontuário.

Os migrantes têm a oportunidade de guardar seus pertences, tomar um banho e desfrutar de uma refeição, muitas vezes após dias de incertezas. O foco do trabalho é oferecer um olhar compreensivo e acolhedor, criando um espaço seguro onde os migrantes possam descansar e começar a planejar seus próximos passos. Com o passar dos dias, muitos começam a recuperar a autoestima e a se reintegrar socialmente. Embora no início haja resistência a sair do local devido à falta de familiaridade com o novo território, aos poucos, eles são convidados a participar de atividades e interações sociais que ajudam na construção de uma nova rede de apoio.

Na Casa, ocorrem encontros, amizades e reconexões entre compatriotas. As refeições se tornam momentos de partilha, em que histórias são contadas, alegrias são divididas e novas esperanças começam a florescer. Esse ambiente acolhedor transforma a Casa do Migrante em um espaço vital de acolhimento e apoio.

A Rede de Apoio. A Casa do Migrante não atua sozinha. Desde sua fun-

dação, formou uma rede de apoio que inclui organizações governamentais e não governamentais. Essa colaboração é essencial para oferecer um atendimento de qualidade. Os migrantes são encaminhados a serviços públicos e privados, incluindo áreas jurídica, educacional, de saúde e cursos de português. Essa abordagem integral garante que, desde a chegada até a projeção de saída, os migrantes tenham acesso a recursos e apoio necessários.

A Casa se tornou conhecida mundialmente, especialmente por sua localização no centro de São Paulo. Muitos migrantes optam por permanecer, elogiando o tratamento que recebem. Frases como “Aqui é muito bom, somos bem tratados” ecoam pelos corredores, refletindo a atmosfera acolhedora e amigável.

Um Novo Lar. Na Casa do Migrante, os migrantes criam laços de amizade com a equipe e entre si. Embora o espaço possa parecer inicialmente estranho, logo se transforma em um local de renovação e alívio, registrado nas memórias de quem passa por ali. A equipe, com muita paciência e empatia, trata os migrantes com respeito, atenção e aceitação das diversidades que surgem ao longo da convivência.

Quando saem, muitos retornam para buscar pertences ou correspondências, ou simplesmente para matar a saudade. É comum ouvir na recepção comentários como: “Esta sempre vai ser a minha casa do Brasil”. Esses laços emocionais evidenciam o impacto duradouro que a Casa do Migrante tem na vida de seus hóspedes.

Conclusão. A Casa do Migrante é, portanto, um espaço vital de acolhimento e apoio, refletindo 50 anos de história marcada pela luta e pela solidariedade. Em um mundo que continua a desafiar os migrantes, a Casa permanece um farol de esperança, oferecendo um lugar onde cada história é valorizada e cada pessoa tem a oportunidade de reescrever seu destino. Por meio do acolhimento, da educação e do apoio comunitário, a Casa do Migrante não apenas atende necessidades imediatas, mas também se torna um verdadeiro lar onde as diferenças são celebradas e a dignidade humana é sempre priorizada. A história da Casa do Migrante é, assim, uma onda de solidariedade, de esperança e de força inquebrantável dos seres humanos em busca de um futuro melhor.

* Respectivamente, Diretor da Casa do Migrante e assistente social coordenadora da Casa do Migrante